

Advérbios

LINGUAGENS,
CÓDIGOS E SUAS
TECNOLOGIAS

Competência(s):
1 e

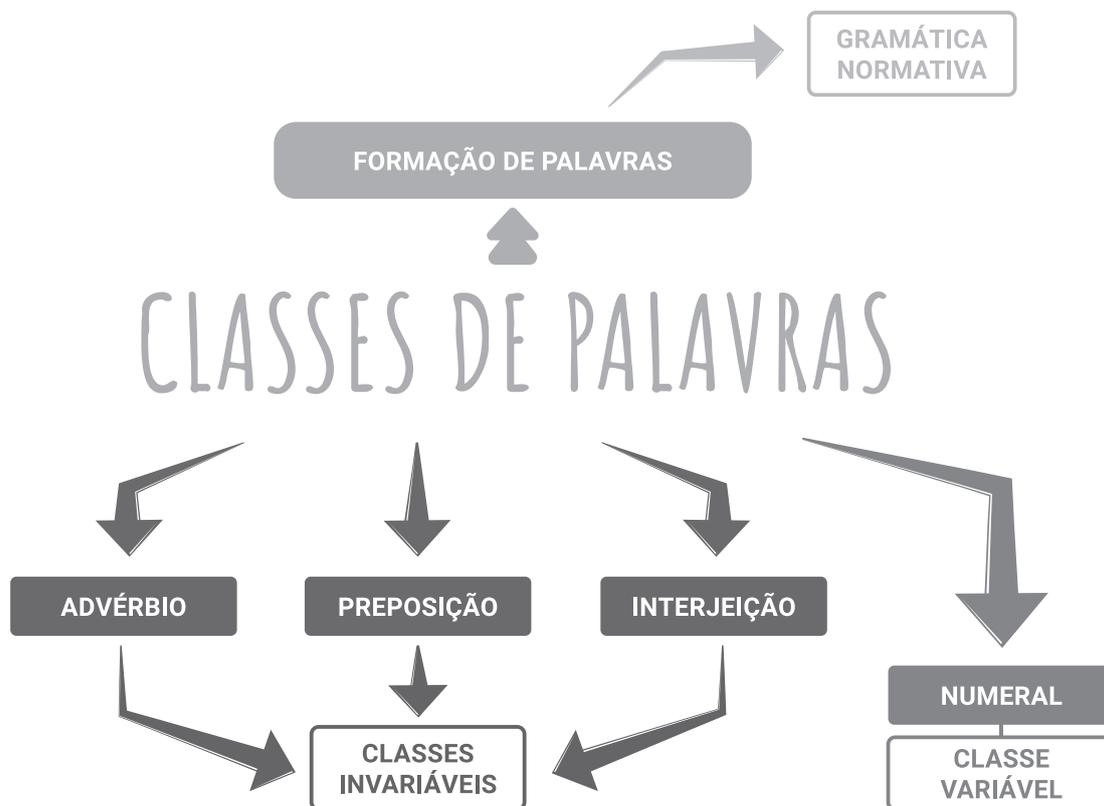
Habilidade(s):
1, 2, 3 e 27

AULAS
9 E 10

VOCÊ DEVE SABER!

- Advérbios
- Classificação dos advérbios
- Palavras denotativas que se assemelham aos advérbios
- Locuções adverbiais
- Graus dos advérbios
- Grau comparativo
- Grau superlativo
- O advérbio aplicado ao texto
- Advérbio X Adjetivo

MAPEANDO O SABER



ANOTAÇÕES



EXERCÍCIOS DE SALA

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto a seguir é um excerto retirado do primeiro parágrafo do artigo de opinião “Com um braço só”, escrito por J. R. Guzzo, que trata da corrupção na política.

¹Um dos aspectos menos atraentes da personalidade humana é a tendência de muitas pessoas de só condenar os vícios que não praticam, ou pelos quais não se sentem atraídas. Um caloteiro que não fuma, não bebe e não joga, por exemplo, é frequentemente a voz que mais grita contra o cigarro, a bebida e os cassinos, mas fecha a boca, os ouvidos e os olhos, como ⁶os três prudentes macaquinhos orientais, quando o assunto é honestidade no pagamento de dívidas pessoais. É a velha história: ²o mal está “sempre na alma dos outros. Pode até ser verdade, ⁵infelizmente, quando se trata da política brasileira, em que continua valendo, mais do que nunca, a máxima popular do ³“pega um, pega geral”.

Extraído do artigo “Com um braço só”, de J.R. Guzzo. VEJA. 21/08/2013.

1. (UECE) Atente para as seguintes afirmações sobre alguns dos elementos do texto.

- I. Os gramáticos modernos distinguem os **advérbios frásicos** (aqueles advérbios que modificam um elemento da frase, como em *Ele correu muito*.) dos **advérbios extrafrásicos** (aqueles que são exteriores à frase, estão no âmbito da enunciação, como em *Ele, naturalmente, passou de primeira, não foi?*). Esse segundo grupo congrega os advérbios avaliativos, isto é, que indicam uma avaliação do enunciador acerca do conteúdo enunciado. No texto em estudo, temos um advérbio frásico (ref. 4): “sempre”; e um advérbio extrafrásico (ref. 5): “infelizmente”.
- II. Na expressão “os três prudentes macaquinhos orientais” (ref. 6), o artigo definido “os” confere a “três macaquinhos orientais” o status de informação conhecida.
- III. O texto, embora constitua apenas um excerto do parágrafo original, apresenta a estrutura paragrafíca canônica: tópico frasal ou introdução, desenvolvimento e conclusão.

Está correto o que se diz em

- a) I e II apenas.
- b) II e III apenas.
- c) I, II e III.
- d) II apenas.

2. (UNICAMP)



(Bruno Fonseca. Facebook. Disponível em <https://www.facebook.com/museumazzaropi/>. Acessado em 31/08/2017.)

Considerando os sentidos produzidos pela tirinha, é correto afirmar que o autor explora o fato de que palavras como “ontem”, “hoje” e “amanhã”

- mudam de sentido dependendo de quem fala.
- adquirem sentido no contexto em que são enunciadas.
- deslocam-se de um sentido concreto para um abstrato.
- evidenciam o sentido fixo dos advérbios de tempo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Buscando a excelência

Lya Luft

Estamos carentes de excelência. A mediocridade reina, assustadora, implacável e persistentemente. Autoridades, altos cargos, líderes, em boa parte desinformados, desinteressados, incultos, lamentáveis. Alunos que saem do ensino médio semianalfabetos e assim entram nas universidades, que aos poucos – refiro-me às públicas – vão se tornando reduto de pobreza intelectual.

As infelizes cotas, contras as quais tenho escrito e às quais me oponho desde sempre, servem magnificamente para alcançarmos este objetivo: a mediocrização também do ensino superior. Alunos que não conseguem raciocinar porque não lhes foi ensinado, numa educação de brincadeira. E, porque não sabem ler nem escrever direito e com naturalidade, não conseguem expor em letra ou fala seu pensamento truncado e pobre. [...] E as cotas roubam a dignidade daqueles que deveriam ter acesso ao ensino superior por mérito [...] Meu conceito serve para cotas raciais também: não é pela raça ou cor, sobretudo autodeclarada, que um jovem deve conseguir diploma superior, mas por seu esforço e capacidade. [...]

Em suma, parece que trabalhamos para facilitar as coisas aos jovens, em lugar de educá-los com e para o trabalho, zelo, esforço, busca de mérito, uso da própria capacidade e talento, já entre as crianças. O ensino nas últimas décadas aprimorou-se em fazer os pequenos aprender brincando. Isso pode ser bom para os bem pequenos, mas já na escola elementar, em seus primeiros anos, é bom alertar, com afeto e alegria, para o fato de que a vida não é só brincadeira, que lazer e divertimento são necessários até à saúde, mas que a escola é também preparação para uma vida profissional futura, na qual haverá disciplina e limites – que aliás deveriam existir em casa, ainda que amorosos.

Muitos dirão que não estou sendo simpática. Não escrevo para ser agradável, mas para partilhar com meus leitores preocupações sobre este país com suas maravilhas e suas mazelas, num momento fundamental em que, em meio a greves, justas ou desatinadas, [...] se delineia com grande inteligência e precisão a possibilidade de serem punidos aqueles que não apenas prejudicaram monetariamente o país, mas corroeram sua moral, e a dignidade de milhões de brasileiros. Está sendo um momento de excelência que nos devolve ânimo e esperança.

(Fonte: Revista *Veja*, de 26.09.2012. Adaptado).

- (G1 - IFSP)** Assinale a classe de palavras correspondente a cada uma das palavras grifadas no trecho: *A mediocridade reina, assustadora, implacável e persistentemente.*
 - adjetivo, advérbio, advérbio.
 - advérbio, adjetivo, advérbio.
 - advérbio, advérbio, adjetivo.
 - adjetivo, adjetivo, adjetivo.
 - advérbio, advérbio, advérbio.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Como se Tornar um Ativista

Coescrito por Equipe wikiHow

Os ativistas são pessoas que acreditam que o mundo precisa mudar e, assim, dedicam tempo a ações que facilitam tais transformações. Como se pode ver em ativistas jovens, as barreiras estruturais, sociais ou econômicas da sociedade não podem impedir ninguém de ir atrás daquilo em que acredita e de promover coisas positivas. Se tem interesse por algo assim, comece a estudar o problema, busque maneiras de se envolver (pessoal e virtualmente) e, se possível, desenvolva uma carreira nessa área. Leia as dicas deste artigo para saber mais!

Método 1 - Buscando e alimentando a vontade de promover mudanças

1. **Identifique e especifique as causas que despertam o seu interesse.** Quando olha para o mundo à sua volta, o que parece interessante? O que traz esperança? E raiva? O que faz você ter medo do futuro? Pense em coisas boas (como lutar pela distribuição de merendas mais saudáveis nas escolas) ou ruins (como lutar contra o bullying entre adolescentes).
2. **Trace metas ambiciosas, mas realistas.** Ao longo da história, ativistas individuais conseguiram derrubar impérios, libertar os oprimidos e abrir as mentes das pessoas para ideias novas. Hoje, até os adolescentes conseguem melhorar os lugares onde moram ou conscientizar as pessoas em relação aos movimentos de igualdade social por meio do ativismo. Se você quiser conquistar uma meta, seja específico quanto ao que espera e como pretende chegar lá.
3. **Comece a participar (ou crie) uma organização que defenda a causa.** Se lutar pelas mesmas causas sociais que outros ativistas, você pode começar a participar das organizações que já existem nessa área. Tudo é válido: desde um grupo pequeno de estudantes a uma instituição mais nacional, como uma ONG.
4. **Faça ações voluntárias.** Uma das melhores formas de fazer a diferença é dedicar tempo a uma causa social. Entre em contato com organizações locais que façam um trabalho interessante e mostre que está disposto a colaborar.
5. **Envolva parentes e amigos.** Fale sobre a causa social e convide-os a participar. Se eles se interessarem, instrua-os sobre todas as atividades de ativismo nas quais você está se envolvendo e conte as suas experiências. Se alguém quiser participar, dê todo o apoio.
6. **Seja uma pessoa exemplar.** Uma das formas de ativismo mais simples e importante é colocar em prática aquilo em que você acredita – ou seja, fazer um “ativismo consciente”. Incorpore a causa ao seu dia a dia: viva e aja de formas que contribuam diretamente com o problema em questão (reduzir a emissão de gases poluentes, usar produtos sustentáveis etc.).

Método 2 - Fazendo ativismo na internet

1. **Divulgue a causa nas redes sociais.** Você pode usar a rede para compartilhar as causas que defende com amigos e seguidores. Poste artigos informativos, escreva sobre o que está fazendo e convide as pessoas para eventos ou incentive-as a doar dinheiro e outros recursos. O Facebook, o Twitter e o Instagram são ótimos lugares para começar.
2. **Explique e comprove os dados da causa de acordo com a sua perspectiva.** Seja qual for – desde a proliferação da identidade de gênero às questões relacionadas ao respeito, por exemplo –, você vai se deparar com muitas pessoas que têm opiniões diferentes na internet. Algumas delas nunca vão mudar de ideia, mesmo que você mostre que elas estão enganadas, enquanto outras vão ouvir a voz da razão.
3. **Divulgue e compartilhe petições na internet.** Graças à internet, criar abaixo-assinados já não envolve trabalho físico. Existem inúmeros sites e plataformas de redes sociais que disponibilizam esse recurso, como o change.org.

Método 3 - Sendo um ativista bem informado

1. **Leia bastante sobre a causa.** Antes de se envolver com o problema, informe-se bem. Vá à biblioteca pública ou da escola ou faculdade e pegue livros que estejam relacionados à causa. Faça uma pesquisa na internet para encontrar páginas de organizações de ativistas. Assista aos noticiários ou leia jornais, revistas ou outros meios para descobrir mais sobre a causa.
2. **Participe de cursos sobre a causa que você representa.** Se você está na escola ou faculdade, pode se matricular em disciplinas que ajudem a melhorar a sua compreensão da questão. Por exemplo: se quiser lutar por uma causa ambientalista, vá a aulas de biologia dedicadas ao assunto.

3. **Ouçá as pessoas que mais são afetadas pelo problema.** Se você se interessar por uma causa que afeta outras pessoas, uma das melhores formas de ajudar é dar voz a elas. Caso não consiga fazer isso pessoalmente, use as redes sociais para entrar em contato ou leia livros e matérias na internet sobre tais indivíduos.
4. **Converse com outros ativistas.** Se conhece outras pessoas locais que lutam pela mesma causa, entre em contato com elas para descobrir o que já está acontecendo na área e como você pode ajudar mais.

Método 4 - Seguindo carreira no ativismo

1. **Faça um curso de graduação que tenha a ver com ativismo.** Se você já está na faculdade ou ainda vai começar, pense em se dedicar a uma área que esteja ligada à causa social. Por exemplo: estude no campo da liderança organizacional ou faça algo mais específico ao problema, como na ciência ambientalista ou nos estudos sociais das mulheres.
2. **Tente fazer estágios na área.** Se é novato no mercado de trabalho, o melhor lugar para começar a carreira de ativista é no estágio. Durante ou depois da faculdade, tente encontrar oportunidades que tenham a ver com os seus interesses – nas organizações que mais lhe chamam a atenção. Converse com os responsáveis dessas instituições para descobrir mais. Fazer um ou mais estágios pode dar o pontapé inicial em uma carreira de sucesso.
3. **Busque empregos na área.** Se já está preparado para começar a trabalhar, tente encontrar vagas relevantes no mercado de trabalho. Veja se as instituições de caridade e afins nas quais se inspira têm alguma oportunidade legal. Por exemplo: se você é bom na redação e edição de textos, tente encontrar uma vaga de redator para um site de ativismo; se é bom para planejar e coordenar eventos, tente trabalhar como coordenador voluntário etc.

Dicas

- Seja criativo! Nem toda causa de ativismo precisa envolver grandes eventos. Você pode fazer a diferença mesmo se trabalhar dentro de casa. Os blogueiros podem ser ativistas por meio da internet; os professores podem incentivar os alunos a lutar pela causa; os artistas podem distribuir obras relacionadas ao tema pela cidade; os *nerds* da computação podem trabalhar com a parte da programação etc.
- Quando trabalhar com outras pessoas, pense primeiro nas necessidades coletivas. Disponha-se a dar o braço a torcer se isso for trazer benefícios a todos.

4. (UFJF-PISM 1 2021) Releia o trecho:

Hoje, até os adolescentes conseguem melhorar os lugares onde moram ou conscientizar as pessoas em relação aos movimentos de igualdade social por meio do ativismo.

O uso de “até” nesse excerto autoriza a afirmação de que

- a) a expectativa dos leitores de que a mudança da sociedade virá dos jovens é confirmada com o uso do advérbio de inclusão “até”.
- b) não é esperado que os adolescentes possam contribuir positivamente para uma mudança coletiva, por isso o uso do advérbio “até”.
- c) o advérbio de adição “também” poderia substituir o uso de “até”, no contexto em questão, sem alteração do sentido pretendido.
- d) o uso do advérbio “até”, no contexto em questão, expressa uma relação de limite das ações do ativismo dos adolescentes.
- e) os adolescentes estão na linha de frente da mudança da sociedade, o que é reforçado pelo uso do advérbio “até”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões).

Humor não é *bullying*

Natalia Klein

¹Não existe nada mais fácil do que sacanear quem já é frequentemente sacaneado. É tiro certo, todos vão achar graça. ²Mas aí não estamos falando de humor. O nome disso é *bullying*.

[...] ³Recentemente, dei uma entrevista em que me perguntaram sobre os limites do humor. Por uma infelicidade, publicaram apenas um trecho da minha resposta, em que eu digo que “não posso mais fazer piadas com anão, negros, homossexuais”.

⁴É importante deixar claro que eu disse sim essa frase pavorosa. Mas em um contexto muito mais amplo. O que eu expliquei – ou, pelo menos, tentei explicar – é que não se pode fazer piadas envolvendo assuntos polêmicos sem correr o risco de ser tachado de preconceituoso. ⁵Mas fingir que o preconceito não existe é infinitamente pior.

⁶Não sou a favor de fazer graça de quem já tem que lidar diariamente com a intolerância. ⁷Sou a favor de se fazer piada da intolerância em si. Em colocar na mesa os nossos podres para que a gente lembre que eles existem. (Fonte: <http://www.adoravelpsicose.com.br/2011/10/humor-nao-e-bullying.html> Acessado em: 27/08/2015)

5. (G1 - CP2) Os advérbios em português servem para traduzir variadas circunstâncias, mas também, em alguns contextos, como nos textos argumentativos, são usados para expressar um ponto de vista defendido pelo produtor do texto.

Esse segundo uso do advérbio aparece em

- a) “Não sou a favor de fazer graça de quem já tem que lidar diariamente com a intolerância (...)” (ref. 6)
- b) “Recentemente, dei uma entrevista em que me perguntaram sobre os limites do humor.” (ref. 3)
- c) “Não existe nada mais fácil do que sacanear quem já é frequentemente sacaneado.” (ref. 1)
- d) “Mas fingir que o preconceito não existe é infinitamente pior.” (ref. 5)

ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A escrita faz **de tal modo** parte de nossa civilização **que** poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. Talvez venha o dia de uma terceira era – depois da escrita. Vivemos os séculos da civilização escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se no escrito. A lei escrita substituiu a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E **sobretudo** não existe história que não se funde sobre textos.

Charles Higounet. *A história da escrita*. Adaptado.

1. (FUVEST 2022) A locução conjuntiva “de tal modo...que” e o advérbio “sobretudo”, respectivamente, expressam noção de:
- a) conformidade e dúvida.
 - b) consequência e realce.
 - c) condição e negação.
 - d) consequência e negação.
 - e) condição e realce.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

1- Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

– Só que já é noite – a amiga corrigiu, sem tirar os olhos da revista. Ema agachou-se para recolher o quebra-cabeça esparramado pelo chão.

– É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo? – Descobriu um sapato sob a poltrona. Pegou-o e, quase deitada no tapete, procurou, ²depois, o par _____1_____ dos outros móveis.

Era bom ³ter uma ⁴amiga ⁵experiente. Nem precisava ser da mesma idade – deixou-se cair no sofá – Bárbara, ⁶muito mais sábia. Examinou-a a ler: uma linha de luz dourada ⁷valorizava o perfil privilegiado. As duas eram tão inseparáveis quanto seus maridos, colegas de escritório. Até ter filhos juntas conseguiram, ⁸acreditasse quem quisesse. Tão gostoso, ambas no hospital. A semelhança física teria ⁹contribuído para o perfeito entendimento? “Imaginava que fossem irmãs”, muitos diziam, o que sempre causava satisfação.

¹⁰– O que está se passando nessa cabecinha? – Bárbara estranhou a amiga, só doente ¹¹pararia quieta. Admirou-a: os ¹²cabelos soltos, caídos no rosto, escondiam os olhos _____2_____, azuis ou verdes, conforme o reflexo da roupa. De que cor estariam hoje ¹³seus olhos?

Ema apurou o corpo.

– Pensava que se nós morássemos numa casa grande, vocês e nós...

Bárbara sorriu. Também ela uma vez tivera a ¹⁴ideia. – As crianças brigariam o tempo todo.

¹⁵Novamente a amiga tinha razão. ¹⁶Os filhos não se suportavam, discutiam por qualquer motivo, ciúme doentio de tudo. ¹⁷O que sombreava o relacionamento dos casais.

– Pelo menos podíamos morar mais perto, então. Se o marido estivesse em casa, ¹⁸seria obrigada a assistir à televisão, _____3_____, ele mal chegava, ia ligando o aparelho, ainda que soubesse que ela detestava sentar que nem múmia diante do aparelho – levantou-se, repelindo a lembrança. Preparou uma jarra de limonada. _____4_____ todo aquele interesse de Bárbara na revista? Reformulou a pergunta em voz alta.

– Nada em especial. Uma pesquisa sobre o comportamento das crianças na escola, de como se modificam ¹⁹as personalidades longe dos pais.

Adaptado de: VAN STEEN, Edla. Intimidade. In: MORICONI, Italo (org.) *Os cem melhores contos brasileiros do século*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 440-441.

2. (UFRGS 2019) O texto apresenta sentimentos de admiração de Ema por sua amiga Bárbara. Esses sentimentos transparecem na relação entre palavras.

Assinale a alternativa em que a reunião de advérbios e adjetivo expressa esse sentido de admiração de Ema por sua amiga.

- a) amiga experiente (ref. 4).
- b) muito mais sábia (ref. 6).
- c) valorizava o perfil privilegiado (ref. 7).
- d) cabelos soltos (ref. 12).
- e) Novamente [...] tinha razão (ref. 15).

A(s) questão(ões) a seguir toma(m) por base um fragmento da crônica *Letra de canção e poesia*, de Antonio Cicero.

Como escrevo poemas e letras de canções, frequentemente perguntam-me se acho que as letras de canções são poemas. A expressão “letra de canção” já indica de que modo essa questão deve ser entendida, pois a palavra “letra” remete à escrita. O que se quer saber é se a letra, separada da canção, constitui um poema escrito.

“Letra de canção é poema?” Essa formulação é inadequada. Desde que as vanguardas mostraram que não se pode determinar a priori quais são as formas lícitas para a poesia, qualquer coisa pode ser um poema. Se um poeta escreve letras soltas na página e diz que é um poema, quem provará o contrário?

Neste ponto, parece-me inevitável introduzir um juízo de valor. A verdadeira questão parece ser se uma letra de canção é um bom poema. Entretanto, mesmo esta última pergunta ainda não é suficientemente precisa, pois pode estar a indagar duas coisas distintas: 1) Se uma letra de canção é necessariamente um bom poema; e 2) Se uma letra de canção é possivelmente um bom poema.

Quanto à primeira pergunta, é evidente que deve ter uma resposta negativa. Nenhum poema é necessariamente um bom poema; nenhum texto é necessariamente um bom poema; logo, nenhuma letra é necessariamente um bom poema. Mas talvez o que se deva perguntar é se uma boa letra é necessariamente um bom poema. Ora, também a essa pergunta a resposta é negativa. Quem já não teve a experiência, em relação a uma letra de canção, de se emocionar com ela ao escutá-la cantada e depois considerá-la insípida, ao lê-la no papel, sem acompanhamento musical? Não é difícil entender a razão disso.

Um poema é um objeto autotélico, isto é, ele tem o seu fim em si próprio. Quando o julgamos bom ou ruim, estamos a considerá-lo independentemente do fato de que, além de ser um poema, ele tenha qualquer utilidade. O poema se realiza quando é lido: e ele pode ser lido em voz baixa, interna, aural.

Já uma letra de canção é heterotélica, isto é, ela não tem o seu fim em si própria. Para que a julgemos boa, é necessário e suficiente que ela contribua para que a obra lítero-musical de que faz parte seja boa. Em outras palavras, se uma letra de canção servir para fazer uma boa canção, ela é boa, ainda que seja ilegível. E a letra pode ser ilegível porque, para se estruturar, para adquirir determinado colorido, para ter os sons ou as palavras certas enfatizadas, ela depende da melodia, da harmonia, do ritmo, do tom da música à qual se encontra associada.

(Folha de S.Paulo, 16.06.2007.)

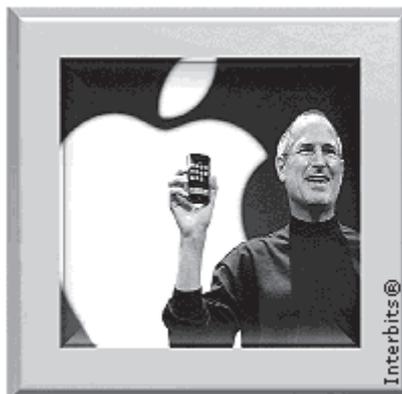
3. (UNESP 2013) *Nenhum poema é necessariamente um bom poema; nenhum texto é necessariamente um bom poema; logo, nenhuma letra é necessariamente um bom poema.*

O advérbio *necessariamente*, nas três ocorrências verificadas na passagem mencionada, equivale, pelo sentido, a:

- forçosamente.
- raramente.
- suficientemente.
- independentemente.
- frequentemente.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Morre Steve Jobs, fundador da Apple e revolucionário da Tecnologia



À frente da empresa que criou, o executivo foi o responsável pelo lançamento de aparelhos que mudaram o mundo, como o iPad, o iPhone e o Macintosh.

O Estado de S. Paulo

CUPERTINO – Morreu, aos 56 anos, Steve Jobs, cofundador da Apple. Ele havia renunciado à presidência da empresa em agosto, após 14 anos no comando. “Estamos profundamente entristecidos com o anúncio de que Steve Jobs morreu hoje”, informou a empresa, em um pequeno comunicado. “O brilho, paixão e energia de Steve são fontes de inúmeras inovações que enriqueceram e melhoraram todas as nossas vidas. O mundo é imensuravelmente melhor por causa de Steve.”

Jobs foi responsável por lançamentos de equipamentos que mudaram o mundo, como o Macintosh, o iPod, o iPhone e o iPad. Ele sofreu por anos de uma forma rara de câncer pancreático e passou por um transplante de fígado.

(...)

Em 2004, Jobs foi submetido a uma cirurgia para tratamento de câncer no pâncreas. Cinco anos mais tarde, precisou realizar um transplante de fígado. Os dois procedimentos são complicadíssimos e de elevado risco para a vida do paciente.

(<http://economia.estadao.com.br/noticias/negocios%20tecnologia,morre-steve-jobs-fundador-da-apple-e-revolucionario-da-tecnologia,87094,0.htm> e www.geekaco.com/apple-steve-jobs. Acessado em 10/10/11.)

4. **(G1 - IFAL 2012)** Na frase: “Estamos profundamente entristecidos com o anúncio de que Steve Jobs morreu hoje”, temos o advérbio de tempo *hoje*, que pode ser mudado de posição sem alterar o sentido da frase. Indique a alternativa em que essa mudança interfere no entendimento.
- Estamos profundamente entristecidos com *hoje* o anúncio de que Steve Jobs morreu.
 - Hoje* estamos profundamente entristecidos com o anúncio de que Steve Jobs morreu.
 - Estamos *hoje* profundamente entristecidos com o anúncio de que Steve Jobs morreu.
 - Estamos profundamente entristecidos *hoje* com o anúncio de que Steve Jobs morreu.
 - Estamos profundamente entristecidos com o anúncio de que *hoje* Steve Jobs morreu.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Chegada do *Perseverance* abre caminho para retorno de amostras de Marte

Agora que o *rover Perseverance* está seguro e saudável na superfície de Marte, vários grupos de trabalho espalhados pelo mundo podem respirar aliviados e pensar nos passos futuros do programa de exploração marciana - que vai agora focar seus esforços no cobiçado retorno de amostras de volta à Terra. A missão atual é um primeiro passo crucial. Afinal, cabe ao *Percy*, como foi apelidado o jipe, fazer o escrutínio e a escolha das rochas (comandado por cientistas na Terra, claro) que serão acondicionadas por ele em pequenos tubos lacrados e ultrarresistentes e depois deixadas, juntas, em algum canto da superfície de Marte. Ele terá vários anos para fazer isso durante a exploração da cratera Jezero, um dos locais mais promissores para a busca de evidências de vida pregressa marciana.

Mas e aí, o que vem depois? Nasa e ESA, respectivamente agências espaciais americana e europeia, já trabalham conjuntamente nos próximos passos, que envolvem pelo menos mais dois, e possivelmente três, lançamentos diferentes afim de trazer de volta o cobiçado material. Ainda faltam definições, mas trabalhos 20 preliminares sugerem a seguinte sequência.

Em 2026, parte um módulo de pouso com um pequeno foguete, de menos de três metros, instalado a bordo. Projetada e construída pela Nasa, a nave pousaria próximo ao local onde desceu o *Perseverance*. E aí, talvez partindo do próprio módulo, talvez enviado num lançamento à parte, ¹um pequeno *rover* produzido pela ESA encontraria as amostras e as instalaria no interior do foguete. ²Em paralelo, em 2026 ou 2027, um orbitador com propulsão elétrica, outra contribuição da ESA, partiria da Terra e se instalaria em órbita ao redor de Marte. Em meados de 2029, ³o foguete seria disparado (o primeiro lançamento feito de outro planeta!), colocando a cápsula com as amostras em órbita marciana. Lá ela se acoplaria ao orbitador europeu, que por sua vez traria o conteúdo de volta à Terra, em 2031. ⁴A empreitada toda custaria cerca de US\$ 5 bilhões, sem contar os US\$ 2,7 bilhões empenhados na missão do *Perseverance*. ⁵A recompensa, contudo, teria valor incomensurável. ⁶Cientistas já tiveram a chance de analisar algumas amostras de Marte - meteoritos provenientes do planeta vermelho -, mas nunca com a chance de escolher quais rochas, conhecendo o contexto geológico de onde elas partiram. E ⁷amostras trazidas de volta continuam a render novos resultados por décadas, conforme equipamentos mais sofisticados surgem para estudá-las. Não à toa, as amostras trazidas pelo programa Apollo, que levou humanos à Lua entre 1969 e 1972, continuam sendo estudadas até hoje. Ademais, é fundamental demonstrar a capacidade de trazer uma pequena carga de Marte antes que se ambicione trazer uma grande carga - como humanos - em uma futura missão tripulada.

Nogueira, S. “Chegada do *Perseverance* abre caminho para retorno de amostras de Marte”. *Folha de São Paulo*. 21.2.2021, Disponível em: <https://bit.ly/3bZL69q/>. Adaptado

5. **(FUVEST-ETE 2022)** No fragmento “... a nave pousaria próximo ao local onde desceu o *Perseverance*”, “próximo” e “onde” são, respectivamente, classificados como
- substantivo e pronome relativo.
 - adjetivo e pronome relativo.
 - advérbio e pronome relativo.
 - adjetivo e advérbio.
 - advérbio e advérbio.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O “Tribunal da Internet” e os efeitos da cultura do cancelamento

ThaysBertoncini da Silva e Erica Marie Viterito Honda

A cultura do cancelamento tem chamado a atenção, principalmente nas redes sociais, por tratar-se de uma onda que incentiva pessoas a deixarem de apoiar determinadas personalidades ou empresas, públicas ou não, do meio artístico ou não, em razão de erro ou conduta reprovável.
quinta-feira, 30 de julho de 2020

De acordo com o dicionário australiano Macquarie, a “cultura do cancelamento” foi eleita o termo do ano de 2019, e não é para menos. Mesmo não tendo um marco exato de origem, a cultura do cancelamento aparentemente teve início a partir da mobilização de vítimas de assédio e abuso sexual (Movimento #MeToo), que ganhou maior visibilidade em 2017 por força das denúncias realizadas em Hollywood.

Desde então, mesmo o Movimento #MeToo traduzindo a coragem de se expor problemas há anos escondidos, a cultura do cancelamento vem seguindo um caminho que aparentemente diferencia-se da iniciativa de conscientização e debate de assuntos relevantes no âmbito digital e no âmbito real, como assédio, racismo, homofobia etc.

A cultura do cancelamento tem chamado a atenção, principalmente nas redes sociais, por tratar-se de uma onda que incentiva pessoas a deixarem de apoiar determinadas personalidades ou empresas, públicas ou não, do meio artístico ou não, em razão de erro ou conduta reprovável. Nos termos da definição da palavra “cancelar”, a ideia do movimento é literalmente “eliminar” e “tornar sem efeito” o agente do erro ou conduta tidos como reprováveis. Ao analisarmos o movimento sob o prisma das modalidades de regulação da Internet proposta por Lawrence Lessig, composta por direito, normas sociais, mercado e arquitetura¹, podemos considerar a cultura do cancelamento como uma sanção imposta pelos próprios usuários no âmbito da Internet, diante da violação de normas sociais existentes. Assim como as demais modalidades de regulação, as normas sociais são eficientes, uma vez que inibem o comportamento reprovável por parte da comunidade que assim o entende.

Exemplo que demonstra a eficiência das normas sociais é a campanha de boicote à publicidade (#StopHateforProfit), iniciada no último dia 17. A ideia foi aderida por diversas empresas que manifestaram interesse em suspender seus anúncios em uma das maiores redes sociais da Internet, de modo a protestar contra “discurso de ódio” e pressionar a empresa para adotar medidas satisfatórias e criar mecanismos eficientes de combate. Em contrapartida, outra gigante da tecnologia informou maiores medidas internas e externas para combater o racismo e aumentar a representatividade na empresa, reforçando as políticas já existentes contra o discurso do ódio.

Ocorre que, especificamente com relação à cultura do cancelamento, e ao contrário do Direito em que há um devido processo legal para justificar uma punição ou não, o “Tribunal da Internet” não costuma oportunizar sequer o exercício do contraditório. Na maioria das vezes, aliás, a cultura do cancelamento costuma ter efeitos imediatos, de modo que a onda de boicote tem início tão logo o erro ou conduta tidos como reprováveis são notados e expostos. Tal imediatismo, porém, traz à tona certa intolerância e muita polarização, demonstrando assim que a sanção antecede a defesa. Dessa forma, o ambiente virtual torna-se hostil, seletivo e, por vezes, injusto.

Nota-se que, a partir da constatação de erro ou conduta reprovável por um grupo de pessoas, cria-se um movimento na rede social de exposição para que não somente os usuários deixem de “seguir” a pessoa ou de comprar determinada marca, por exemplo, mas também para que parem de dar visibilidade ao trabalho de alguém ou determinada empresa. Por meio da onda de ataque aos perfis em redes sociais, os efeitos são sentidos em todos os aspectos: na vida pessoal de pessoas físicas que perdem trabalhos, contratos, patrocínios e até desenvolvem problemas psicoemocionais, bem como na atividade de empresas que deixam de realizar vendas, atender clientes etc.

Um dos exemplos recentes da cultura do cancelamento nas redes sociais ocorreu com uma digital influencer do mundo fitness que, durante a pandemia e o isolamento social, meses após ser diagnosticada e “se curar” do coronavírus, reuniu alguns amigos em sua casa, fazendo publicações da “festinha”. A anfitriã foi imediatamente cancelada nas redes sociais, com a consequente perda de diversas parcerias e rescisão de contratos. E apesar do pedido de desculpas e reconhecimento do erro, o cancelamento se manteve, beirando o linchamento virtual e fazendo com que ela desativasse seu perfil em uma de suas redes sociais.

Nesse contexto, observa-se que o “Tribunal da Internet” não realiza seus julgamentos com igualdade ou proporcionalidade. Primeiro, porque deixa-se de discutir ideias e passa-se a discutir pessoas ou empresas. Segundo, porque poucos preferem ouvir, entender e formar uma opinião antes de atacar. Terceiro, porque outras pessoas ou empresas envolvidas em situações análogas, por exemplo, não sofrem sanções na mesma intensidade que as “canceladas”. Quarto, porque, no mundo virtual, é muito tênue a linha entre a crítica construtiva e o ataque revestido de ofensas.

Apesar dos julgamentos, porém, a cultura do cancelamento também pode gerar um efeito contrário ao pretendido, já que a proporção da exposição faz com que a pessoa ganhe mais visibilidade nas redes sociais e, a depender de seus próximos passos, acabe transformando a visibilidade do ocorrido a seu favor, fazendo mais sucesso e ganhando mais engajamento. Numa breve analogia, comparar o Direito com o “Tribunal da Internet” seria como se, após a sentença do “cancelamento”, o recurso do “cancelado” fosse provido para afastar a condenação. O que se extrai de interessante dessa dicotomia na cultura do cancelamento é que não apenas comportamentos reprováveis são objeto da onda de boicote, mas também opiniões contrárias sobre determinados temas. E, em que pese a liberdade de expressão seja um direito fundamental, isso acontece porque muitos usuários, ao se depararem com divergências, ao invés de promoverem um debate saudável, dão lugar à cultura do cancelamento, boicotando pessoas físicas ou jurídicas.

Acontece que, além do mero “cancelamento”, os ataques virtuais tornam-se massificados e, por muitas vezes, extrapolam os limites da livre manifestação de pensamento de modo a ensejar, de fato, um linchamento virtual que, mesmo revestido de boa intenção, pode provocar uma propagação de discurso de ódio e, ainda, incorrer em crimes como injúria ou difamação. Em situações como esta, o “cancelado”, que não encontra formas de se justificar sobre o ocorrido em tempo de reparar sua imagem, acaba por adotar medidas judiciais em face daqueles que propagaram ofensas, divulgaram informações eventualmente falsas e coisas do tipo. (...)

A pergunta que fica diante de tantos julgamentos e sanções imediatamente impostas sem a possibilidade de defesa ou reflexão é: como seria se todos fôssemos “cancelados” por um erro ou conduta reprovável, já que estamos em constante evolução? (...)

Nas palavras do atual Ministro Alexandre de Moraes: “a liberdade de expressão constitui um dos fundamentos essenciais de uma sociedade democrática e compreende não somente as informações consideradas como inofensivas, indiferentes ou favoráveis, mas também aquelas que possam causar transtornos, resistência, inquietar pessoas, pois a democracia somente existe a partir da consagração do pluralismo de ideia e pensamento, da tolerância de opiniões e do espírito aberto ao diálogo”². (...)

Com isso, o propósito de exposição de temas para que haja liberdade de comunicação social, garantindo-se a livre circulação de ideias e informações de forma pluralista, na realidade, tornou-se uma ferramenta de autocensura ao invés de promover o debate, como a contranarrativa. A cultura do cancelamento, na forma como praticada atualmente, afeta, ainda que de maneira indireta, o exercício dos direitos da livre manifestação de pensamento e da liberdade de expressão, obstando o debate de questões que, de forma saudável, traria benefícios para a sociedade e ainda promoveria o progresso intelectual e a evolução pessoal de cada um.

¹Leonardi, Marcel. Fundamentos de Direito Digital, São Paulo, 2019, Thomson Reuters, pág.. 47 e ss.- 2.5. As modalidades de regulação proposta por Lawrence Lessing.

²MORAES, Alexandre de. Direitos Humanos Fundamentais; 9ª edição, São Paulo. Atlas S.A. 2011.

* ThaysBertoncini da Silva é advogada, sócia da Lee, Brock, Camargo Advogados (LBCA) e especialista em Direito Digital Aplicado e Direito das Plataformas Digitais pela FGV.

* Erica Marie Viterito Honda é advogada, sócia da Lee, Brock, Camargo Advogados (LBCA) e especialista em Direito Digital Aplicado pela FGV.

Texto adaptado, disponível em: <https://migalhas.uol.com.br/depeso/331363/o--tribunal-da-internet--e-os-efeitos-da-cultura-do-cancelamento>. Acesso em 27/11/2020.

6. (UFJF-PISM 3 2021) Releia o seguinte trecho do texto:

“Mesmo não tendo um marco exato de origem, a cultura do cancelamento aparentemente teve início a partir da mobilização de vítimas de assédio e abuso sexual (Movimento #MeToo), que ganhou maior visibilidade em 2017 por força das denúncias realizadas em Hollywood.”

Considerando o termo “aparentemente”, no contexto do trecho destacado acima, é correto afirmar que esse advérbio expressa o posicionamento das autoras do texto, indicando

- a) a desvalorização do início da mobilização à cultura do cancelamento.
- b) a discordância quanto à origem do fenômeno da cultura do cancelamento.
- c) a dúvida quanto ao movimento que deu origem à cultura do cancelamento.
- d) a restrição à origem da cultura do cancelamento, iniciada em 2017.
- e) a sinceridade quanto à origem do fenômeno da cultura do cancelamento.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

¹Recebi consulta de um amigo que tenta ²deslindar segredos da língua para estrangeiros que querem aprender português. ³Seu problema: “se digo em uma sala de aula: ‘Pessoal, leiam o livro X’, como explicar a concordância? ⁴Certamente, não se diz ⁵‘Pessoal, leia o livro X’”.

Pela pergunta, vê-se que não se trata de fornecer regras para corrigir eventuais problemas de padrão. Trata-se de entender um dado que ocorre regularmente, mas que parece oferecer alguma dificuldade de análise.

Em primeiro lugar, é óbvio que se trata de um pedido (ou de uma ordem) mais ou ⁶menos informal. Caso contrário, não se usaria a expressão “pessoal”, mas talvez “Senhores” ou “Senhores alunos”.

Em segundo lugar, não se trata da tal concordância ideológica, nem de silepse (hipóteses previstas pela gramática para explicar concordâncias mais ou menos excepcionais, que se devem menos a fatores sintáticos e mais aos semânticos; ⁷exemplos correntes do tipo “A gente fomos” e “o pessoal gostaram” se explicam por esse critério). Como se pode saber que não se trata de concordância ideológica ou de silepse? A resposta é que, ⁸nesses casos, o verbo se liga ao sujeito em estrutura sem vocativo, diferentemente do que acontece ⁹aqui. E em casos como “Pedro, venha cá”, “venha” não se liga a “Pedro”, ¹⁰mesmo que pareça que sim, porque Pedro não é o sujeito.

¹¹Para tentar formular uma hipótese ¹²mais clara para o problema apresentado, ¹³talvez ¹⁴se deva admitir que o sujeito de um verbo pode estar apagado e, mesmo assim, produzir concordância. O ideal é que se mostre que o fenômeno não ocorre só com ordens ou pedidos, e nem só quando há vocativo. Vamos por partes: a) ¹⁵é normal, em português, haver orações sem sujeito expresso e, mesmo assim, haver flexão verbal. ¹⁶Exemplos ¹⁷correntes são frases como “chegaram e saíram em seguida”, que todos conhecemos das gramáticas; b) sempre que há um vocativo, em princípio, o sujeito pode não aparecer na frase. É o que ocorre em “meninos, saiam daqui”; mas o sujeito pode aparecer, pois ¹⁸não seria estranha a sequência “meninos, vocês se comportem”; c) ¹⁹se ²⁰forem aceitas as hipóteses a) e b) (diria que são fatos), não ²¹seria estranho que a frase “Pessoal, leiam o livro X” pudesse ser tratada como se sua estrutura fosse “Pessoal, vocês leiam o livro x”. Se a palavra “vocês” não estivesse apagada, a concordância se explicaria normalmente; d) assim, o problema ²²real não é a concordância entre “pessoal” e “leiam”, mas a passagem de “pessoal” a “vocês”, que não aparece na superfície da frase.

Este caso é apenas um, dentre tantos outros, que nos obrigariam a considerar na análise elementos que parecem não estar ²³na frase, mas que atuam como se ²⁴lá estivessem.

Adaptado de: POSSENTI, Sírio. *Malcomportadas línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 85-86.

7. (UFRGS 2019) Considere os usos de advérbios no texto e assinale com **1** aqueles em que o advérbio modifica o sentido de apenas uma palavra e com **2** aqueles em que modifica o sentido de segmentos textuais.

- () Certamente (ref. 4)
() menos (ref. 6)
() mais (ref. 12)
() talvez (ref. 13)

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) 2 - 1 - 2 - 1.
b) 1 - 1 - 1 - 2.
c) 2 - 1 - 1 - 2.
d) 2 - 2 - 2 - 1.
e) 1 - 2 - 2 - 2.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Vida Real

Que tal comemorar o Dia Mundial do Livro começando a ler um livro?

¹Mais de 40% dos brasileiros não têm o hábito da leitura. Talvez seja por isso que interpretação de texto esteja deixando tanto a desejar...

Por **Isabella Otto**

access_time 23 abr 2019, 13h11 - Publicado em 23 abr 2019, 13h00

Mais um Dia Mundial do Livro e do Direito de Autor que deveria ser comemorado da forma mais justa: lendo um livro. Mas lendo de verdade! Pode ser HQ, romance, drama, biografia, terror, chick lit, humor... **No país que não lê, folhear um livro, seja no impresso ou no digital, é um diferencial** e tanto!

Em 2018, o Instituto Pró-livro divulgou uma pesquisa que mostra que **44% da população brasileira não tem o hábito da leitura, sendo que 30% nunca comprou um livro**. Apesar de alto, o número é justificável. Um livro novo não é barato, principalmente os didáticos. Baixar um e-book também requer tecnologias e bandas largas que não são acessíveis a todos. Há também aqueles que asseguram não ter tempo de ler nem sequer uma revista, pois trabalham fora e dentro de casa.

Alternativas existem, contudo. Um livro novo pode ser substituído por um usado e projetos que estimulam a leitura acontecem por todo lado, em espaços privados e públicos. **Que tal substituir a procrastinação nas redes sociais no caminho do trabalho pela leitura de um livro?**

Outra pesquisa, realizada agora pelo Indicador de Analfabetismo Funcional, conduzida pelo Instituto Paulo Montenegro em parceria com a ONG Ação Efetiva, mostra que, de todos os brasileiros que chegam à universidade, somente 22% deles têm total condição de interpretar um texto que lê de forma correta e se expressar claramente. Quando dizemos “de forma correta”, não é que estamos falando que uma coisa não pode ser interpretada de mais de uma maneira, mas que a mensagem que o autor quis passar realmente foi entendida. E não tem segredo: é preciso de treino! Para aprimorar a leitura e a interpretação de texto, é preciso ler e escrever e ler mais um pouquinho. Ou, no caso do Brasil, mais ²um poucão.

E você, já leu um livro hoje? Que tal deixar um na cabeceira da sua cama?

Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/vida-real/que-tal-comemorar-o-dia-mundial-do-livro-comecando-a-ler-um-livro/>, acesso em 10 de maio de 2019.

8. (G1 - IFCE 2019) No trecho “Ou, no caso do Brasil, mais um poucão.” (referência 2), a palavra “poucão” é empregada como
 - a) substantivo que designa o objeto descrito no enunciado.
 - b) adjetivo caracterizador do substantivo “Brasil”.
 - c) conjunção que une as orações presentes no enunciado.
 - d) advérbio intensificador do verbo “ler”.
 - e) pronome demonstrativo relacionado ao substantivo “Brasil”.
9. (VUNESP/2019) Leia o texto de Jonathan Culler para responder à questão:

Era uma vez um tempo em que literatura significava sobretudo poesia. O romance era um recém-chegado, próximo demais da biografia ou da crônica para ser genuinamente literário, uma forma popular que não poderia aspirar às altas vocações da poesia lírica e épica. Mas no século XX o romance eclipsou a poesia, tanto como o que os escritores escrevem quanto como o que os leitores leem e, desde os anos 60, a narrativa passou a dominar também a educação literária. As pessoas ainda estudam poesia — muitas vezes isso é exigido — mas os romances e os contos tornaram-se o núcleo do currículo.

Isso não é apenas um resultado das preferências de um público leitor de massa, que alegremente escolhe histórias mas raramente lê poemas. As teorias literária e cultural têm afirmado cada vez mais a centralidade cultural da narrativa. As histórias, diz o argumento, são a principal maneira pela qual entendemos as coisas, quer ao pensar em nossas vidas como uma progressão que conduz a algum lugar, quer ao dizer a nós mesmos o que está acontecendo no mundo. A explicação científica busca o sentido das coisas colocando-as sob leis — sempre que a e b prevalecerem, ocorrerá c — mas a vida geralmente não é assim. Ela segue não uma lógica científica de causa e efeito mas a lógica da história, em que entender significa conceber como uma coisa leva a outra, como algo poderia ter sucedido: como Maggie acabou vendendo software em Cingapura, como o pai de Jorge veio a lhe dar um carro.

(Teoria literária: uma introdução, 1999.)

Advérbio é uma palavra invariável que pode modificar o sentido de um verbo, de um adjetivo, de outro advérbio ou de uma oração inteira.

Um advérbio que modifica o sentido de um adjetivo ocorre em:

- “próximo demais da biografia ou da crônica para ser genuinamente literário” (1º parágrafo)
- “um público leitor de massa, que alegremente escolhe histórias” (2º parágrafo)
- “literatura significava sobretudo poesia” (1º parágrafo)
- “As teorias literária e cultural têm afirmado cada vez mais a centralidade cultural da narrativa” (2º parágrafo)
- “sempre que a e b prevalecerem, ocorrerá c” (2º parágrafo)

10. (UNIFESP-2010) Considere a charge e as afirmações.



A charge é uma ilustração que tem como objetivo fazer uma sátira de alguém ou de alguma situação atual por meio de desenhos caricatos

- O advérbio já, indicativo de tempo, atribui à frase o sentido de mudança;
- Entende-se pela frase da charge que a população de idosos atingiu um patamar inédito no país;
- Observando a imagem, tem-se que a fila de velhinhos esperando um lugar no banco sugere o aumento de idosos no país.

Está correto o que se afirma em

- I apenas.
- II apenas.
- I e II apenas.
- II e III apenas.
- I, II e III.

11. (EEAR 2021) Leia:

“Discreta e formosíssima Maria,/ Enquanto estamos vendo a qualquer hora/ Em tuas faces a rosada Aurora,/ Em teus olhos e boca, o sol e o dia:/ Goza, goza da flor da mocidade,/ Que o tempo trata a **toda ligeireza**/ E imprime **em toda flor** sua pisada.” (Gregório de Matos)

As locuções adverbiais destacadas exprimem, respectivamente, as circunstâncias de

- a) causa e intensidade.
- b) modo e intensidade.
- c) modo e lugar.
- d) lugar e causa.

Leia o texto e o poema para responder à(s) questão(ões) a seguir.

A ondomotriz é uma forma de energia renovável que se aproveita da energia das ondas oceânicas. Além de poder fornecer energia, as ondas também serviram de inspiração para Manuel Bandeira compor o poema “A onda”.

A onda

a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda

12. (G1 - CPS 2016) No poema, há o emprego do advérbio **aonde**. Segundo as gramáticas normativas, esse advérbio deve ser utilizado para indicar o local ou destino para o qual se vai, ou seja, expressa a ideia de movimento.

Assinale a alternativa em que o emprego do advérbio **aonde** está de acordo com as gramáticas normativas.

- a) Nunca sei aonde te achar.
- b) Esta é a casa aonde eu moro.
- c) Informe aonde você está agora.
- d) Não sei aonde o avião aterrisou.
- e) Aonde você pretende levar sua amiga.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

João Gilberto Noll nasceu em Porto Alegre, no ano de 1946. Além de contista e romancista, fez incursões pela literatura infantil. Ganhou cinco prêmios Jaboti. João Gilberto Noll faz uma literatura caracterizada pela dissolução. Seus romances são concisos e apresentam enredos episódicos sustentados pela causalidade. Essa técnica difere da técnica narrativa que estabelece o elo entre o real e o ficcional. Os personagens de Noll são seres não localizados e alijados da experiência; muito embora lançados numa sucessão frenética de acontecimentos e passando por um sem número de lugares, o que vivem não se converte em saber, em consciência de ser e de estar no mundo.

Duelo antes da noite

¹No caminho a menina pegou uma pedra e atirou-a longe, o mais que pôde. ²O menino puxava a sua mão e reclamava da vagareza da menina. ³Deviam chegar até a baixa noite a Encantado, e o menino sabia que ele era responsável pela menina e deveria manter uma disciplina. Que garota chata, ele pensou. Se eu fosse Deus, não teria criado as garotas, seria tudo homem igual a Deus. ⁴A menina sentia-se puxada, reclamada, e por isso emitia uns sons de ódio: graças a Deus que eu não preciso dormir no mesmo quarto que você, graças a Deus

que eu não vou morar nunca mais com você. Vamos e não resmungue, exclamou o menino. ⁵E o sol já não estava sumindo? Isso nenhum dos dois perguntava porque estavam absortos na raiva de cada um. A estrada era de terra e por ela poucos passavam. Nem o menino nem a menina notavam que o sol começava a se pôr e que os verdes dos matos se enchiam cada vez mais de sombras. Quando chegassem a Encantado o menino poria ela no Opala do prefeito e ela nunca mais apareceria. Ele não gosta de mim, pensou a menina cheia de gana. Ele deve estar pensando: o mundo deveria ser feito só de homens, as meninas são umas chatas. ⁶O menino cuspiu na areia seca. A menina pisou sobre a saliva dele e fez assim com o pé para apagar cuspe.

⁷Até que ficou evidente a noite. ⁸E o menino disse a gente não vai parar até chegar em Encantado, ⁹agora eu proíbo que você olhe pros lados, que se atrase. ¹⁰A menina não queria chorar e prendia-se por dentro porque deixar arrebentar uma lágrima numa hora dessas é mostrar muita fraqueza, é mostrar-se muito menina. E na curva da estrada começaram a aparecer muitos caminhões apinhados de soldados e a menina não se conteve de curiosidade. ¹¹Para onde vão esses soldados? – ela balbuciou. ¹²O menino respondeu ríspido. Agora é hora apenas de caminhar, de não fazer perguntas, caminha! A menina pensou eu vou parar, fingir que torci o pé, eu vou parar. E parou. O menino sacudiu-a pelos ombros até deixá-la numa vertigem escura. Depois que a sua visão voltou a adquirir o lugar de tudo, ela explodiu chamando-o de covarde. Os soldados continuavam a passar em caminhões paquidérmicos. E ela não chorava, apenas um único soluço seco. ¹³O menino gritou então que ela era uma chata, que ele a deixaria sozinha na estrada que estava de saco cheio de cuidar de um traste igual a ela, que se ela não soubesse o que significa traste, que pode ter certeza que é um negócio muito ruim. A menina fez uma careta e tremeu de fúria. Você é o culpado de tudo isso, a menina gritou. Você é o único culpado de tudo isso. Os soldados continuavam a passar.

Começou a cair o frio e a menina tiritou balançando os cabelos molhados, mas o menino dizia se você parar eu te deixo na beira da estrada, no meio do caminho, você não é nada minha, não é minha irmã, não é minha vizinha, não é nada.

E Encantado era ainda a alguns lerdos quilômetros. A menina sentiu que seria bom se o encantado chegasse logo para se ver livre do menino. Entraria no Opala e não olharia uma única vez pra trás para se despedir daquele chato.

Encantado apareceu e tudo foi como o combinado. Doze e meia da noite e o Opala esperava a menina parado na frente da igreja. Os dois se aproximaram do Opala tão devagarinho que nem pareciam crianças. O motorista bigodudo abriu a porta traseira e falou: pode entrar, senhorita. Senhorita... o menino repetia para ele mesmo. A menina se sentou no banco traseiro. Quando o carro começou a andar, ela falou bem baixinho: eu acho que vou virar a cabeça e olhar pra ele com uma cara de nojo, vou sim, vou olhar. E olhou. Mas o menino sorria. E a menina não resistiu e sorriu também. E os dois sentiram o mesmo nó no peito.

NOLL, João Gilberto. In: *Romances e contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 690-692. (Texto adaptado).

Segundo Massaud Moisés, o conto é, do ponto de vista dramático, *univalente*: contém um só drama, uma só história, um só conflito (oposição, luta entre duas forças ou personagens), uma só ação. As outras características (limitação do espaço e do tempo; quantidade reduzida de personagens; unidade de tom ou de emoção provocada no leitor, concisão de linguagem) decorrem da unidade dramática.

Com base nessas informações, resolva a(s) questão(ões) a seguir.

13. (UECE 2016) Na referência 6, lê-se: “O menino cuspiu na areia seca. A menina pisou sobre a saliva dele e fez assim com o pé para apagar o cuspe”.

Assinale a opção INCORRETA em relação ao que se diz sobre o advérbio “assim”.

- Ao introduzir na narrativa o vocábulo “assim” para indicar o gesto da menina, de certa forma, o enunciador (de 3ª pessoa) invade a instância das personagens (isto é, o espaço em que atuam as personagens) e age como se fosse uma delas e visse o que se passava.
- O enunciador migra de sua instância fora da narrativa para a instância do interior dessa narrativa, dando a ilusão de que, naquele momento, ele tem as prerrogativas das personagens.
- A invasão do espaço dos personagens pelo narrador, marcada pelo uso do advérbio “assim” constitui um desvio incomum nas narrativas literárias.
- Em um discurso sem essa mudança de perspectiva, o narrador teria que explicar com palavras esse “assim”, com algo como “A menina pisou sobre a saliva dele e espalhou a areia com o pé para apagar o cuspe”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A presidente Dilma ou a presidenta Dilma?

Laércio Lutibergue

Essa é a pergunta que mais temos recebido nos últimos dias por e-mail, pelas redes sociais (Twitter e Facebook) e mesmo pessoalmente. Há uma explicação para **isso(I)**: a eleição da primeira mulher à Presidência da República, Dilma Rousseff.

Já falamos deste assunto **aqui(II)**, mas diante do acontecimento do domingo 31 de outubro e da avalanche de perguntas somos obrigados a retomá-lo. Gramaticalmente as duas formas estão corretas. Ou seja, pode ser “a presidente Dilma” e “a presidenta Dilma”. Neste momento, com base nas ocorrências na imprensa, inclusive no *Jornal do Commercio*, sem dúvida “a presidente” é a mais comum.

E, se olharmos para o passado da língua, é a mais lógica. Palavras que vieram do participio presente do latim, normalmente terminadas em -ante, -ente e -inte, são invariáveis. O que identifica o gênero delas é o artigo ou outro determinante: o/a amante, o/a gerente, meu/minha presidente.

A língua, contudo, nem sempre é lógica. Muitas vezes ela foge do controle e revela uma face inventiva indiferente às regras. Isso ocorreu, por exemplo, com “comediante”, que ganhou o feminino “comedianta”; com “infante”, que ganhou “infanta”; com “parente”, que ganhou “parenta”; e com “presidente”, que ganhou “presidenta”. Certamente o extralinguístico atuou na formação desses femininos. A versão feminina de um nome de cargo destaca com mais força a presença da mulher na sociedade.

Os mais velhos devem se lembrar do que ocorreu com a indiana Indira Gandhi. Começaram chamando-a de “o primeiro-ministro Indira Gandhi”; depois, passaram para “a primeiro-ministro”; e terminaram em “a primeira-ministra”. E hoje alguém tem dúvida de que uma mulher é “primeira-ministra”?

A favor de “presidenta” existe também o aspecto legal. A Lei Federal nº 2.749/56 diz que o emprego oficial de nome designativo de cargo público deve, quanto ao gênero, se ajustar ao sexo do funcionário. Ou seja, segundo a lei, os cargos, “se forem genericamente variáveis”, devem assumir “feição masculina ou feminina”.

Por **tudo isso(III)**, defendemos a adoção do feminino “a presidenta”. Apesar de neste momento a maioria, pelo que mostra a imprensa, preferir “a presidente”. Intuímos, porém, que ocorrerá no Brasil o **mesmo(IV)** que sucedeu com dois vizinhos nossos. Na Argentina, Cristina Kirchner começou sendo chamada de “la presidente” e hoje é “la presidenta”. O mesmo ocorreu com Michelle Bachelet, no Chile, **que(V)** terminou o mandato como “la presidenta”. O tempo dirá se nossa intuição estava certa.

(Texto publicado na coluna “Com todas as letras”, *Jornal do Commercio do Recife*, em 10/11/2010)

14. (G1 - IFPE 2012) Releia o texto e observe as palavras numeradas em destaque. Assinale a alternativa que aponta **corretamente** as relações coesivas estabelecidas por esses termos.

- Em (I), o pronome demonstrativo “isso” retoma a pergunta polêmica realizada no título do artigo.
- Em (II), o advérbio de lugar “aqui” refere-se à coluna que o autor escreve no *Jornal do Commercio*.
- Em (III), a expressão “tudo isso” remete a todas as informações explicitadas pelo autor ao longo do texto.
- Em (IV), o pronome demonstrativo “mesmo” antecipa a mudança para o termo “presidenta” na imprensa brasileira.
- Em (V), o pronome relativo “que” retoma o termo antecedente “Chile”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

QUERO VOLTAR A CONFIAR

Fui criado com princípios morais comuns. Quando eu era pequeno, mães, pais, professores, avós, tios, vizinhos eram autoridades dignas de respeito e consideração. Quanto mais próximos ou mais velhos, mais afeto.

²³Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores ou autoridades... ²⁴Confiávamos nos adultos, porque todos eram pais, mães ou familiares da nossa rua, do bairro ou da cidade. Tínhamos medo ¹⁶apenas do escuro, dos sapos, dos filmes de terror¹⁰...

²²Hoje me deu uma tristeza infinita por tudo aquilo que perdemos. Tudo que os meus netos um dia enfrentarão. Pelo medo no olhar das crianças, dos velhos, dos jovens e dos adultos. Direitos humanos para os criminosos, deveres ilimitados para os cidadãos honestos. Não levar vantagem em tudo significa ser idiota. ²⁵Trabalhador digno e cumpridor dos deveres virou otário. Pagar dívidas em dia é ser tonto – anistia para corruptos e sonegadores. O que aconteceu conosco⁴? Professores maltratados nas salas de aula¹⁴; comerciantes ameaçados por traficantes¹⁵; grades em nossas janelas e portas. ¹Que valores são esses⁵? Automóveis que valem mais que abraços.

²⁶Filhas querendo uma cirurgia como presente por passarem de ano. Filhos esquecendo o respeito no trato com

pais e avós. No lugar de senhor, senhora, ficou ¹²“oi cara”, ou “como está, coroa”⁶? Celulares nas mochilas de crianças. “O que vais querer em troca de um abraço”⁷? – “A diversão vale mais que um diploma.” – “Uma tela gigante ²⁰vale mais que uma boa conversa.” – ²¹“Mais vale uma maquiagem do que um sorvete.” – ¹³“Aparecer do que ser.” Quando foi que tudo desapareceu ou se tornou ridículo⁸?

Quero arrancar as grades da minha janela para poder tocar nas flores¹¹... Quero me sentar na varanda e dormir com a porta aberta nas noites de verão. Quero a honestidade como motivo de orgulho. Quero a retidão de caráter, a cara limpa e o olhar “olho no olho”. Quero sair de casa sabendo a hora em que estarei de volta, sem medo de assaltos ou balas perdidas. Quero a vergonha na cara e a solidariedade. ²Onde a palavra valia mais que um documento assinado. Quero a esperança, a alegria, a confiança de volta. Quero calar a boca de quem diz: “temos que estar ³ao nível de” ao falar de uma pessoa.

E viva o retorno da verdadeira ¹⁹vida, simples como a chuva, limpa como o céu de primavera, leve como a brisa da manhã. E ¹⁷definitivamente ¹⁸bela como cada amanhecer.

²⁷Quero ter de volta o meu mundo simples e comum, onde existam o amor, a solidariedade e a fraternidade como bases. ²⁸Vamos voltar a ser gente. A ter indignação diante da falta de ética, de moral, de respeito. Construir um mundo melhor, mais justo e mais humano, onde as pessoas respeitem as pessoas.

Utopia⁹?

Quem sabe.

Precisamos tentar.

Arnaldo Jabor. Disponível em: http://www.pensador.uol.com.br/textos_de_arnaldo_jabor/2/. Data de acesso: 30/04/2011.

15. (G1 - EPCAR (CPCAR) 2012) Assinale a alternativa correta.

- “Apenas” (ref. 16) é um operador argumentativo que denota, ao mesmo tempo, realce e exclusão.
- “Definitivamente” (ref. 17) é um advérbio de intensidade que modifica “bela” (ref. 18) que, por sua vez, caracteriza “vida” (ref. 19).
- Em “vale mais” (ref. 20) e “mais vale” (ref. 21) a mudança de ordem das palavras alterou a classificação morfológica da palavra “mais”.
- Em “Aparecer do que ser.” (ref. 13) a locução sublinhada é usada para estabelecer uma relação de superlatividade entre os termos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A DISCIPLINA DO AMOR

Foi na França, durante a segunda grande guerra. Um jovem tinha um cachorro que todos os dias, pontualmente, ia esperá-lo voltar do trabalho. Postava-se na esquina, um pouco antes das seis da tarde. Assim que via o dono, ia correndo ao seu encontro e, na maior alegria, acompanhava-o com seu passinho saltitante de volta a casa. A vila inteira já conhecia o cachorro e as pessoas que passavam faziam-lhe festinhas e ele correspondia, chegava a correr todo animado atrás dos mais íntimos para logo voltar atento ao seu posto e ali ficar sentado até o momento em que seu dono apontava lá longe.

Mas eu avisei que o tempo era de guerra, o jovem foi convocado. Pensa que o cachorro deixou de esperá-lo? Continuou a ir diariamente até a esquina, fixo o olhar ansioso naquele único ponto, a orelha em pé, atenta ao menor ruído que pudesse indicar a presença do dono bem-amado. Assim que anoitecia, ele voltava para casa e levava a sua vida normal de cachorro até chegar o dia seguinte. Então, disciplinadamente, como se tivesse um relógio preso à pata, voltava ao seu posto de espera.

O jovem morreu num bombardeio, mas no pequeno coração do cachorro não morreu a esperança. Quiseram prendê-lo, distraí-lo. Tudo em vão. Quando ia chegando aquela hora ele disparava para o compromisso assumido, todos os dias. Todos os dias.

Com o passar dos anos (a memória dos homens!) as pessoas foram se esquecendo do jovem soldado que não voltou. Casou-se a noiva com um primo. Os familiares voltaram-se para outros familiares. Os amigos, para outros amigos. Só o cachorro já velhíssimo (era jovem quando o jovem partiu) continuou a esperá-lo na sua esquina. As pessoas estranhavam, mas quem esse cachorro está esperando?... Uma tarde (era inverno) ele lá ficou, o focinho sempre voltado para “aquela” direção.

(TELLES, Lygia Fagundes. *A disciplina do amor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 99-100)

Vocabulário:

Postar-se - posicionar-se, permanecer em determinado local

Apontar - aparecer

16. (G1 - CP2 2007 - ADAPTADA) No 3º. parágrafo do texto, o narrador afirma que o cão parecia ter “um relógio preso à pata.” Copie desse texto dois advérbios que deixem clara essa afirmação.
17. (G1 1996) Classifique os advérbios ou locuções adverbiais:
- Ele parou ATRÁS, à DIREITA da calçada.
 - Elas ficaram LEVEMENTE feridas, mas os carros ficaram COMPLETAMENTE amassados.
18. (G1 1996) Classifique os advérbios ou locuções adverbiais em destaque:
- As cidades brasileiras estão MAIS poluídas.
 - O festival de teatro começou ontem À NOITE.
 - Encontrei balas DENTRO da caixa.
 - O burrinho caminhava LENTAMENTE a estrada deserta.
 - TALVEZ aconteça uma tragédia.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Longe de tudo

É livres, livres desta vã matéria,
longe, nos claros astros peregrinos
que havemos de encontrar os dons divinos
e a grande paz, a grande paz sidérea.

Cá nesta humana e trágica miséria,
nestes surdos abismos assassinos
teremos de colher de atros destinos
a flor apodrecida e deletéria.

O baixo mundo que troveja e brama
só nos mostra a caveira e só a lama,
ah! só a lama e movimentos lassos...

Mas as almas irmãs, almas perfeitas,
hão de trocar, nas Regiões eleitas,
largos, profundos, imortais abraços.

(SOUSA, Cruz e. *Poesias completas*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 158)

19. (UFRJ 2005 - ADAPTADA) O poema “Longe de tudo” confronta dois espaços para marcar a oposição “corpo e alma”.
- Retire do texto os dois advérbios que explicitam esses dois espaços.
 - Transcreva duas expressões formadas por adjetivo(s) e substantivo que caracterizem esses espaços, identificando a que espaço cada uma se refere.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Trechos da entrevista de Jacob Needleman à *Revista Superinteressante*, Editora Abril, julho de 2001.

JACOB NEEDLEMAN

O filósofo americano diz que dinheiro não traz felicidade e explica como é possível viver sem dar tanta importância à conta bancária.

SUPER - Por que é tão difícil lidar com dinheiro?

NEEDLEMAN - O dinheiro reflete nossa imaginação, nossos desejos, necessidades e temores. Ele é nossa principal tecnologia social, por meio da qual vivemos hoje. Se somos sugestionáveis e vulneráveis ao que dizem e pensam os outros, o dinheiro espelhará tudo isso. A angústia que sentimos em relação ao dinheiro é reflexo da angústia que sentimos em relação a nós mesmos.

SUPER - Por que ele tem esse poder?

NEEDLEMAN - O dinheiro foi inventado para facilitar trocas entre as pessoas. O detalhe é que muitas coisas que não podiam ser medidas em termos monetários hoje têm preço. É o caso do cuidado com os filhos. As pessoas saem pra trabalhar e deixam os filhos com profissionais. Outros não têm tempo nem para a amizade e, quando querem falar dos problemas, têm de pagar um terapeuta. O dinheiro virou instrumento para aferir até nosso amor-próprio. Aqui nos Estados Unidos dizemos: "Quanto vale essa pessoa?" Há algum tempo, isso seria loucura. O dinheiro por si mesmo não proporciona felicidade. Ele dá prazer, alguma sensação de segurança. Mas, com o passar do tempo, percebe-se que ele não alimenta nossa alma. Temos de tratá-lo como um meio, não como um fim. Mas, para isso, temos de ter um fim, um objetivo. Só somos felizes quando a vida tem um significado. Transformar o dinheiro em nosso único objetivo é como comer comida com gosto de plástico.

SUPER - E por que tanta gente ainda acredita que o dinheiro traz felicidade?

NEEDLEMAN - As pessoas procuram algo que confira um significado a suas vidas. E muitas das coisas que antigamente se acreditava trazer felicidade perderam poder: religião, espiritualismo, filosofia ou mesmo arte. Todos precisamos de dinheiro, assim como de ar, de alimentos e convívio social. Sim, porque ninguém pode se mudar para uma floresta e viver sozinho. As forças da cultura são fortes demais. Não podemos simplesmente abandonar a sociedade, nem abrir mão do que temos, da tecnologia. [...]

SUPER - Qual a influência do dinheiro sobre as emoções?

NEEDLEMAN - Nossa cultura nos faz crer que coisas materiais podem nos fazer felizes, mas elas dão apenas um prazer superficial. Prazer é diversão, não perdura, é diferente de felicidade. Precisamos dessas coisas, mas a sociedade capitalista em que vivemos cria desejos para que haja sempre mais demanda. Pelos menos 75% dos produtos disponíveis hoje são dispensáveis.

20. (PUCRJ 2007 - ADAPTADA)

- a) Pressupostos são ideias que, embora não estejam expressas explicitamente no texto, podem ser percebidas pelo leitor a partir do emprego de certas palavras ou expressões. Compare os dois enunciados abaixo e indique o pressuposto marcado pela palavra "ATÉ" em (1).
- (1) "O dinheiro virou instrumento para aferir ATÉ nosso amor-próprio."
 - (2) O dinheiro virou instrumento para aferir nosso amor-próprio.
- b) Utilizando APENAS as palavras da frase a seguir, reescreva-a de forma que ela passe a apresentar uma ideia de negação.
- A verdade é que algum dinheiro traz felicidade.

GABARITO

1. B 2. B 3. A 4. A 5. C
6. C 7. C 8. D 9. A 10. E
11. C 12. E 13. C 14. B 15. B

16.

Os advérbios “pontualmente”, “disciplinadamente” e “diariamente” reafirmam o rigor com o qual o cachorro esperava.

17.

- a) Atrás: advérbio de lugar.
À direita: locução adverbial de lugar.
b) Levemente e completamente: advérbios de modo.

18.

- a) intensidade
b) tempo
c) lugar
d) modo
e) dúvida

19.

- a) Os dois vocábulos são “cá” e “longe”.
b) As expressões possíveis formadas por adjetivo(s) e por substantivo que caracterizam esses espaços são as seguintes:
- Espaço do corpo (“cá”): vã matéria; humana e trágica miséria; surdos abismos assassinos; atos destinos; flor apodrecida e deletéria; baixo mundo; movimentos lassos.
- Espaço da alma (“longe”): claros astros peregrinos; dons divinos; grande paz; grande paz sidérea; almas irmãs; almas perfeitas; regiões eleitas; largos, profundos, imortais abraços.

20.

- a) A palavra “até” indica uma quebra de expectativa, porque o amor-próprio não seria algo que se pudesse avaliar.
b) A verdade é que dinheiro algum traz felicidade.